

Introdução

O propósito desta pesquisa é contribuir para a releitura da história do radiojornalismo brasileiro, através de uma análise mais específica das narrativas deste gênero em algumas emissoras comunitárias do Estado do Rio de Janeiro. Pretendemos, desta forma, apresentar outras possibilidades de compreender a linguagem radiofônica no jornalismo, assim como colaborar para que o pensamento acerca das rádios comunitárias possa ser redimensionado, através da legitimação do segmento como campo de produção. O objetivo é que este veículo, apesar dos conflitos, possa ocupar o lugar de um meio de comunicação que coexiste com os tradicionalmente implantados.

Mesmo existindo desde o início da radiodifusão, este segmento, de modo geral, sempre foi tratado como alternativo nos livros e em alguns trabalhos acadêmicos. Ao se deter na idéia de que as rádios comunitárias não fazem parte do radiojornalismo legitimado não se procurou aprofundar na sua história, construída no dia-a-dia dos seus integrantes. Conseqüentemente pouco se sabe sobre o modo de fazer jornalismo nestas emissoras. Temos, portanto, a intenção de entender este trajeto e dar visibilidade para algumas de suas narrativas.

Na metodologia, optamos por utilizar, além do embasamento dos teóricos, os relatos dos personagens que participam do cotidiano das rádios comunitárias, através dos seus depoimentos sobre produção jornalística e memória. Aqui, eles tornam-se fontes legítimas pela eventual inadequação ou inexistência de instrumentos ou categorias tradicionais de análise compatíveis com a realidade estudada. Escolhemos mesclar os dois saberes, que consideramos complementares - uma opção pela hibridez .

Foram ouvidas pessoas envolvidas no cotidiano de 11 rádios comunitárias do Estado do Rio de Janeiro. Recorremos às seguintes emissoras: Ativa, em Maricá; Bangu FM, em Bangu; Brisa, na Rocinha; Aliança, no Alto da Boa Vista; RP Notícias, em Rio das Pedras; Pedra Branca, em Bangu; Mundi-Jovem, em Santa Cruz; Novos Rumos, em Queimados; Juventude, em Duque de Caxias; Onda Livre e Rádio Escola Fala Sério, ambas em São João de Meriti. Também conversamos com a coordenadora do setor de radiodifusão comunitária do Ministério das Comunicações, com ouvintes e militantes. Além das entrevistas,

nos voltamos para a escuta da programação das emissoras - lugar no qual o critério do que é radiojornalismo ganha outras dimensões, a serem apreendidas ao longo deste trabalho.

No primeiro capítulo, identificamos as mudanças estruturais na sociedade que geraram um campo favorável para que hoje possamos nos debruçar sobre o nosso objeto de estudo. Neste sentido, a crise paradigmática da ciência moderna é tratada por nós como um aspecto fundamental, pois é a partir dela que as práticas sociais passam a ser valorizadas, através dos estudos culturais. A percepção desta mudança de eixo no âmbito do conhecimento é embasada por Boaventura de Sousa Santos. Outros aspectos relevantes são a redefinição da noção de cultura como um “conjunto de processos sociais” e a conseqüente visibilidade obtida para questões antes recalcadas, como algumas das produções provenientes dos sujeitos que compartilham da dita “cultura popular”. Estas transformações são percebidas por Néstor García Canclini e João Maia.

Para compreender esta reviravolta, acompanhamos o desenrolar dos antecedentes propiciadores deste contexto contemporâneo: a constituição do discurso hegemônico da modernidade, a instauração das grandes narrativas com a missão de explicar o mundo, a falência deste projeto e a emergência da polifonia - há muito ignorada. Autores com Stuart Hall, Roger Chartier, Massimo Canevacci e Fernando Resende colaboram para o entendimento deste percurso.

Ainda seguindo este trajeto, pontuamos a origem das rádios comunitárias e fazemos uma síntese da situação enfrentada por estas emissoras no país, mais especificamente no Rio. Para tanto, descrevemos de modo crítico a história da radiodifusão, situando assim, o lugar ocupado pelo segmento no contexto da Comunicação Social. Aqui nos dedicamos também a sistematizar os tipos de rádios existentes no Brasil e a atual nomenclatura utilizada pelo segmento. Recorremos a Gisele Ortriwano, Denise Cogo, Arlindo Machado, Carlos Magri e Marcelo Masagão para nos auxiliar na fundamentação destes elementos.

No capítulo 2, descrevemos os enfrentamentos vivenciados pelos participantes das emissoras comunitárias para conseguirem, de alguma forma, legitimar sua existência e as suas respectivas mensagens. A tentativa de obtenção de outorga, as repressões, a luta por uma espécie de “reforma agrária do ar”, a busca pela qualificação técnica, a idéia de quinto poder e o que chamamos de antropofagismo midiático são os pontos identificados neste processo de tensões e

inclusões. Retomamos aqui Machado, Magri, Masagão, Canclini e Chartier, além de reforçarmos nossa argumentação com Martín-Barbero.

No capítulo 3, voltamos nossa atenção mais especificamente para a análise das narrativas jornalísticas das rádios comunitárias, procurando observar a maneira pela qual elas (re)configuram o gênero, a idéia de notícia, o conteúdo, a edição, a linguagem e as normas norteadoras do radiojornalismo tradicional. Trata-se do momento de avaliar o modo de fazer. Somos direcionados pelo pensamento de Michel de Certeau, Vera Lúcia Follain de Figueiredo, Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Resende.

Durante o processo de escuta, Jonathan Rangel da Silva, de 14 anos, foi um dos personagens que despertou nosso interesse. Em uma das narrativas, o estudante de um Ciep em São João de Meriti se apresentou através de gagueiras, silêncios, risos e questionamentos. Indagações que também suscitaram em nós várias perguntas. Dúvidas que procuramos compartilhar neste trabalho.